

**Juarez Gustavo Soares**  
É jornalista de quarto mandato, membro do Conselho Superior de JORNALISMO, com 25 anos de experiência em jornalismo. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo e em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

**Urbanismo**  
**Cidades resilientes: respostas urgentes às chuvas e alagamentos**

O desafio que se impõe é como reagir a estes eventos extremos, especialmente nos centros urbanos, onde os impactos tendem a ser mais dramáticos.

**Juarez Gustavo Soares**

Coluna

Publicado em 16/12/2022 às 19:06

Atualizado em 16/12/2022 às 19:06



Uma rua inundada em Vitória após fortes chuvas. O bairro é o bairro de São João, no bairro de São João. Crédito: Câmara de Planejamento

O período que marca o fim da primavera e o início do verão é especialmente chuvoso no Espírito Santo. Isso se deve, de acordo com as capacidades, à atuação de uma Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) que passa justamente pelo nosso Estado.

Neste período há diferentes. As últimas chuvas foram marcadas por intensas enchentes, deixando milhares em prejuízo em áreas residenciais. Em áreas comerciais, cidades alagadas, pessoas desabrigadas ou deslocadas, bônus prejudiciais, negócios suspensos e mais. Evidentemente, as imagens de uma criança e famílias que perderam tudo nos enchentes repercutem-se a cada temporada.

Eventos naturais e seus impactos sempre existiram e afetam todos os países. Alguns, como terremotos, enchentes súbitas ou tsunamis são imprevisíveis. Outros, com grande antecedência, como enchentes, podem ser previstos com alguma precisão, mas ainda assim, eventos, ondas de frio e calor extremo, vêm ocorrendo com uma frequência e magnitude acima das médias históricas.

Essas alterações nos padrões climáticos estão relacionadas ao aquecimento global causado, entre outras coisas, pela ação humana. Acredita-se que, em 97% dos cenários climáticos, conforme estudo realizado pela Deutsche

Independente das causas, entretanto, o desafio que se impõe é como reagir a estes eventos extremos, especialmente nos centros urbanos, onde os impactos tendem a ser mais dramáticos. Para a secretária do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, Daniela Galvão, "a nova realidade é a ampliação da variabilidade e da imprevisibilidade climática, o que traz maior probabilidade de eventos extremos, de ondas de frio e de calor extremo, de ondas de seca, entre outras, isso obriga os gestores a se antecipar para que as situações extremas não colapsem em risco à saúde e o bem-estar das populações". É esse contexto que nos leva ao conceito de cidades resilientes.

O que são cidades resilientes?  
Inicialmente aplicado à física ao tratar da capacidade de regeneração de certos materiais após uma situação de estresse e posteriormente, à gestão e ao planejamento humano, o termo resiliência passou a ser usado também em trabalhos sobre urbanismo.

De acordo com as Nações Unidas, cidades resilientes são aquelas capazes de "rapidamente adaptar-se e recuperar-se dos efeitos de um perigo de maneira tempestiva e eficiente". Trata-se, assim, de organizar e gerir, os serviços e a infraestrutura urbana das cidades de tal forma que elas mantenham seu funcionamento durante e após os desastres naturais.

Como uma cidade pode se tornar resiliente?  
O Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNISDR) elaborou uma iniciativa envolvendo vários atores, a MRG 2030: Construindo Cidades Resilientes 2030, cujo objetivo é ajudar as cidades a se tornarem mais seguras, sustentáveis e resilientes até 2030.

De acordo com a MRG 2030, os 10 passos essenciais para uma cidade resiliente são:

- 01 Organização e coordenação**  
Pratiquem ações de organização e coordenação para compreender e aplicar ferramentas de redução de riscos de desastres com base na sociedade civil. Todos os atores precisam compreender seu papel na preparação e redução de risco de desastres.
- 02 Orçamento**  
Atribua um orçamento para a redução de riscos e desastres e forneça incentivos para proprietários em áreas de risco e famílias de baixa renda.
- 03 Dados atualizados**  
Mantenha os dados sobre os riscos e vulnerabilidades atualizados. Prepare as avaliações de risco para usá-los como base para o planejamento de desenvolvimento urbano e tomadas de decisão.
- 04 Redução de riscos**  
Invista em uma estrutura para redução de risco com enfoque estrutural, como obras de macrodrenagem, por exemplo.
- 05 Segurança**  
Afuje a segurança das escolas e postos de saúde.
- 06 Regulamentos**  
Aplique regulamentos compatíveis com o risco de construção e princípios de planejamento do uso do solo.
- 07 Educação e treinamento**  
Implemente programas de educação e treinamento sobre a redução de riscos de desastres nas escolas e comunidades.
- 08 Proteção**  
Proteja os ecossistemas e barreiras naturais para evitar inundações.
- 09 Alarques**  
Instale sistemas de alarme e gestão de emergências em sua municipalidade.
- 10 Reconstrução**  
Após qualquer desastre, assegure que as necessidades dos sobreviventes sejam o centro da reconstrução.

Mitigar riscos com maior margem de segurança, fortalecer dados, estabelecer planos de contingência e evacuar a população requer novas competências da gestão por parte do poder público. Embora haja avanços em alguns aspectos, há muito a ser aprendido para evitar desastres que pareçam proféticos e possíveis de ser evitados.